



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 106, abril / maio - 2021

AINDA SARAMAGO E O NOBEL

M. Paulo Nunes

Entre os vários destaques que a presença do romancista José Saramago suscitou em Estocolmo, por ocasião do recebimento do Nobel de Literatura, há que mencionar, de modo especial, a oração proferida, durante mais de uma hora, “traduzida por um docente de português por vezes em naturais apuros”, conforme a notícia, na Aula

Magna da Universidade de Estocolmo, para uma plateia de cerca de 1.500 estudantes e professores, no dia 9 de dezembro de 1999, que o *Jornal de Letras*, de Lisboa, publicou integralmente.

Começa aquela intervenção por declarar textualmente: “O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia nem ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando

a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía a campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher”. Tratava-se de seus avós maternos Jerônimo Melrinho e Josefa Caixinha, que viviam na aldeia de Azinhaga, província do Ribatejo.

Continuação na página 8

RELIGIOSIDADE (*)

Luiz Serra

É no jipe, é no jegue,
Não há transporte que o padre não pegue.

Luiz Gonzaga

Desde as secas singulares que assolavam, já no meio do século XIX, o sertão cearense do rio Cariri e todo o relevo do Pajeú, os padres eram símbolos neutrais no sertão. Exemplo singular, o padre mestre Ibiapina (1806-1883), vida modelar, saiu transindo aquele tormento climático em lombo de muar com caçuás cheios de farinha para distribuir aos desamparados sertanejos.

Esse episódio recorrente da educação religiosa de Virgulino Lampião passou-se em 1925, à margem de um caminho ensolarado. A meio caminho, deixando para trás a Vila de Mauriti, enfileirados os cabras atravessaram um dos riachos tributários do Pajeú, já próximo de Belmonte, Pernambuco. Ao retomarem a estrada, no sentido oposto, vinha um padre assentado num jegue, que rebocava outro puxado por uma corda. Ao defrontar com o alarido dos bandoleiros, o padre esquivou o muar para a lateral do caminho de terra. Nisso Lampião, assim que avistou o sacerdote, apressou-se e parou sua burra ao lado do jumento do sacerdote. Saltou, ajoelhou-se, tirando o chapéu, e sem tardar pediu a bênção ao aturdido padre. Beijou a mão dele, voltou-se para a sua montaria e ordenou que seguissem ao destino.

Já o padre, um tanto aliviado, tomou seu destino, não sem antes fazer por várias vezes o sinal da cruz!

Patriarca do sertão

Desde jovem, Cícero Romão Batista vivenciou os altos e baixos de uma família cearense do sertão do Crato. O pai era Joaquim Romão, a mãe, Quinô, as irmãs, Maria Angélica e Angélica Vicência – Cícero era o irmão do meio. O jovem Cícero foi estudar em Cajazeiras, Paraíba, a cento e vinte quilômetros do Crato, na escola de Padre Inácio de Sousa Rolim. Quando contava com 18 anos, recebeu a notícia da morte do pai, vítima da cólera-morbo, epidemia que em 1862 matou mais de mil pessoas.

Continuação na página 6

UM LIVRO UNICO

Eneás Athanázio

Pedro Rogério Couto Moreira, jornalista e escritor, membro de tradicional família mineira ligada às coisas da cultura, acaba de publicar um livro que me parece único em seu gênero. Trata-se de *Sob o céu de Belo Horizonte* (Thesaurus Editora de Brasília – 2020) que me foi oferecido pela editora.

É um livro único pela maneira com que foi concebido e realizado da qual não tenho lembrança de ter encontrado igual. O autor reconstituiu a história da capital mineira, desde a transferência de Ouro Preto para o Curral Del Rey (1897) e a vivência do seu povo com base em livros de memorialistas e romancistas cujas obras foram ambientadas na cidade. Trabalho de intensas leituras, pesquisas e observações, revelando um observador minucioso, dotado de ampla cultura e conhecedor da cidade como poucos. O resultado é um livro aliciante e que se lê como um romance. Um romance da capital mineira, entremeado com páginas autobiográficas do próprio autor.

Para reconstituir o passado da cidade o autor se valeu de livros lidos e relidos pelos quais tem um sentimento afetivo. É que são numerosas as obras que têm como cenário a capital mineira. Começando pelos mais antigos, como Avelino Fóscolo, o pioneiro, Eduardo Frieiro, Moacyr Andrade, passou por Cyro dos Anjos, Aníbal Machado, Odin Andrade, Euryalo Canabrava, Afonso Arinos, Ricardo Gontijo até Pedro Nava, Roberto Drummond e Fernando Sabino, além de muitos outros que também comparecem. O depoimento de Fóscolo revela uma cidade marasmática, parada e silenciosa, enquanto outros já a descrevem buliçosa e cheia de vida.

Continuação na página 4

PAULO IOLOVITCH, UM LEGENDÁRIO PINTOR DE BRASÍLIA

Danilo Gomes

Quando, há muitos anos, depois do trabalho, eu frequentava os bares de Brasília, sozinho ou com amigos e colegas, sempre aparecia, com telas sob o braço, o simpático pintor Paulo Iolovitch. Oferecia seus quadros. Aceitava encomendas. Um dia, em 1994, no Bar do Afonso, W-2, Quadra 506, Asa Sul, encomendei-lhe um quadro daquele já histórico (e há tempos finado) estabelecimento. Alguns dias depois, o pintor me trazia bela tela, que registrava, à noite, a fachada da casa já famosa. E ficamos ainda mais amigos. Ele ia aonde o público estivesse, Asa Sul, Asa Norte, Conic, SCS, restaurante Beirute da 109 Sul (não é, poeta Nicolas Behr?). Sempre gostou de ser um artista “marginal”, filosófico, espiritualista, adepto do hinduísmo. Creio que, aos 85 anos, continua assim. Com essa pandemia que assola o mundo, por certo ele trabalha mais no seu refúgio lareiro. Ele morava na Asa Sul e seu apartamento, segundo os poucos que o conheceram, era uma galeria de arte. Deve ser ainda. Ele sempre foi modesto, recluso, mas comunicativo. Sempre retratou o cotidiano da cidade, aonde chegou em 1962 para nunca mais sair. Grande artista plástico, é também um documentarista do dia-a-dia brasileiro. E não retrata apenas o real, o palpável; cultivava também uma vertente surrealista.

Paulo Iolovitch nasceu em 1936, em São Paulo, de pais de ascendência russa e romena. Foi criado em Porto Alegre. Tornou-se decorador de vitrines, cartazista, diagramador de jornais, ilustrador. Encantou-se com Brasília, onde desenvolveu seus dons de primoroso artista plástico. Seu ídolo excelso é Oscar Niemeyer, uma devoção.

Encontrei, nos meus guardados de colecionador “de um tudo”, um exemplar da revista *Plano Brasília*, de 22-3-2011, com reportagem sobre

nosso querido pintor, texto de Michel Aleixo e fotos de Gustavo Lima. Ali se conta que o cineasta Mário Pacheco (que o grande Vladimir Carvalho deve conhecer) tentou, por alguns anos, fazer um documentário sobre Paulo Iolovitch. Creio que sem êxito. Mas ficaram amigos.

Michel Aleixo escreveu: “Iolovitch é lenda viva da arte brasileira e parece não se importar com isso.” É uma frase que subscrevo. E digo mais: Paulo Iolovitch, brasileiro de coração, uma persona da juscênica capital do país, é um gênio. Merece todas as carinhosas homenagens, embora refratário às lantejoulas, salamaleques, foguetórios e fanfarras deste passageiro mundo. Ele prefere a meditação e o silêncio.

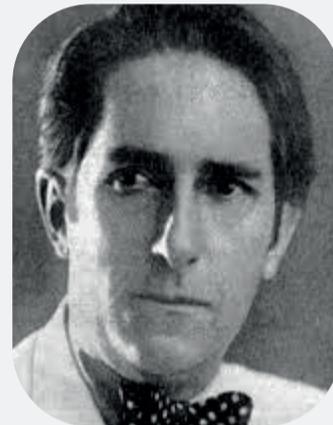
MINIATURA DE VIDA

Lina Tâmega Peixoto

Súbito, o ar fica espesso
pelo vento pisado no chão.
Jeito de disfarçar o breve momento
no engolir fina água de porcelana
e uns cacós trêmulos e claros
despencados do silêncio alto.
Miniatura da vida a flexionar
o bojo simples e frívolo do tempo.

Soneto do Mês

O ENTERRO DA CIGARRA
Olegário Mariano



As formigas levavam-na... Chovia...
Era o fim... Triste outono fumarento!...
Perto, uma fonte, em suave movimento,
Cantigas de água trêmula carpia.

Quando eu a conheci ela trazia
Na voz um triste e doloroso acento.
Era a cigarra de maior talento,
Mais cantadeira desta freguesia.

Passa o cortejo entre árvores amigas...
Que tristeza nas folhas... Que tristeza!
Que alegria nos olhos das formigas!...

Pobre cigarra! Quando te levavam,
Enquanto te chorava a Natureza,
Tuas irmãs e tua mãe cantavam...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretário-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 106 – abril/maio 2021

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

GRAMIRO DE MATOS

Gilmar Duarte Rocha

— Eu tenho um primo que é escritor e que faz questão de ser chamado de Gramirão-ão-ão — disse-me, nos tempos de faculdade, o meu saudoso primo César Augusto Matos, sabedor da minha sina e do meu gosto precoce por literatura, ainda na condição de leitor à época.

— Como?

Questionei, assustado, pois, além de nunca ter ouvido alguém com esse nome de cacique tapuia, tampouco ouvira falar de escritor de pseudônimo extravagante.

A rigor, ele estava se referindo a Ramiro de Matos, cujo nome herdara de seu avô, fundador da cidade de Iguai, Bahia, situada no limite da região do cacau. Ramiro, o escritor, que acrescentara um G ao início do seu nome, em homenagem ao poeta barroco Gregório de Matos, começou a escrever e publicar no fim da efervescente década de sessenta. A sua obra, por força e magia do período psicodélico e criativo, terminou confluindo, naturalmente — ainda mais na condição de baiano —, com o movimento cultural contemporâneo chamado tropicalismo e que teve a sua ponta do iceberg refletida no lado musical, mais explicitamente nas obras dos artistas Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé.

A rigor, o tropicalismo, apesar de ter tido em suas hostes artistas plásticos do naipe de Hélio Oiticica e Rogério Duarte, nasceu manco do lado literário, pois o movimento intendia avançar fronteiras além da música, em clara inspiração ao movimento modernista de 1922, como atestou diversas vezes o próprio Caetano Veloso, que recebeu uma espécie de iluminação para compor as suas obras de vanguarda, após assistir à peça “O rei da vela”, dirigida por José Celso Martinez e inspirada na obra de um dos pais do modernismo, o escritor Oswald de Andrade.

Um pouco mais tarde, talvez um ou dois anos depois da explosão do tropicalismo, a literatura finalmente veio se juntar àquela conjuração cultural, com a adesão de Gramiro de Matos e seu amigo e conterrâneo Waly Salomão (1943-2003), mais o poeta piauiense Torquato Neto (1944-1972), que já houvera participado do tropicalismo, como letrista, compondo versos para músicas de sucesso da dupla Caetano e Gil, em destaque para as canções “Marginália”, “Geleia geral” e “Mamãe, coragem”.

Gramiro de Matos, criativo, febril e irrequieto, espantou o mundo literário brasileiro com criações surreais e alucinadas, como o inclassificável “Urubu-rei”, Editora Gernasa, 1972, uma mistura de poesia concreta, arte beat e breviário de hospício, como exemplo o trecho:

e o gongo comeu a mão miau miau comeu
tão a mão a mão a mão a mão a mão o gongo
gongo comeu o gongo comeu o gongo comeu
teu comeu comeu comeu comeu comeu com
o gongo o gongo o gongo o gongo ogong
u miau miau miau a mão amão a mão de v
indo mas mas mas mas mas mas mas mas
t maw mak gás gás gás gás gás gás gás gás
gás gás o gongo comeu fas fas fas fas fas f
miau miau a mão a mão a mão pas pas pa
pas pas pas pas pas pas pas mas mas mas
t miau miau ontonce o mundo diabobou?

Nem Oswald de Andrade, no apogeu do seu período lisérgico-cultural teve tanta verve, estímulo, impulso, loucura literária, para escrever textos como esses. As garatujas poéticas, que parecem disparates sem nexos, ganham sentido quando o livro é lido no seu inteiro teor, com a releitura da língua tupi-guarani, que entremeia o texto, e inserção da estética indígena no correr da pena.

Gramiro, que colaborava com revistas e jornais de vanguarda, como *Bondinho*, *Anima*, *Vozes e Opinião*, lançou, na sequência, pela editora Eldorado, em 1972, o que talvez tenha sido o seu segundo e último romance de importância, com o inolvidável título “Os morcegos estão comendo mamões maduros”, um misto de romanceio e recorte de fatos do cotidiano brasileiro, algo como “Serafim Ponte Grande”, de Oswald de Andrade, escrito pelo avesso, onde o próprio Gramiro, em uma de suas raras entrevistas disse que “adotou o estilo que Mário de Andrade denominou de ‘arte de combate dentro de estética do inacabado’, a nossa literatura e arte complexas; ao contrário do realismo socialista, então moda ao lado do concretismo, tendências que não incorporavam o realismo mágico fantástico das lendas africanas e indígenas que formam nossa cultura original multirracial”.

O livro, para variar, não vendeu lá essas coisas, mas angariou a atenção de críticos e levou Jorge Amado, que escreveu o texto de apresentação do livro “Os morcegos...”, a citar: “Gramiro de Matos realiza no Urubu-Rei experiência de linguagem que deixa para trás tudo que foi tentado ultimamente em nossas letras, a partir de Guimarães Rosa”. Grami-

ro, após o breve namoro com o tropicalismo, cansou-se do Brasil e foi tentar a vida no exterior e explorar a sua arte em terras lusitanas. Em Portugal fez doutorado em literatura e publicou a tese “Influências da literatura brasileira sobre as literaturas africanas de língua portuguesa”.

Da década de 90 para cá não se teve muita notícia dele. Esse polêmico primo distante — primo segundo de meu pai — deve andar a contemplar as árvores dos bosques europeus buscando inspiração em algum quiróptero comendo maçã ou nalgum falcão maltês de caça, na esperança, se esse ainda é o seu intento, de nos brindar com mais uma obra disruptiva que atazane as nossas cabeças atormentadas por vírus, pandemônios, negacionismos e outras lendas medievais que teimam em voltar de tempos de antanho para nos tirar o direito de sonhar com um mundo melhor, mais humano, mais multilateral e mais equânime. Aliás, Gramiro de Matos, o tropicalista invisível, escreveu as suas obras controversas num período bem parecido com este em que sobrevivemos. Tempos medievos e sombrios, onde a ignorância parece sobrepujar a lógica e a inteligência.



O CAJUEIRO

Mardson Soares

Vem primeiro o ajuntamento.
As senhoras e os sorrisos
E as bandeiras.

As damas de saia grande
No colorido em rodopio.

Porta bandeira marcha
À avenida.
E as marchinhas na traseira.

A banda batuca
E é festim.

À avenida é o primeiro
Mandatário da tradição
O Cajueiro.

UM LIVRO ÚNICO

Eneás Athanázio

Assim passo a passo, a cidade vai crescendo até se tornar a metrópole ativa dos dias atuais. Muitas personalidades marcantes, em cada época, e episódios curiosos são lembrados pelo autor e descritos de maneira saborosa. Logo no início ele registra um grupo de estudantes, funcionários e transeuntes aglomerado na amurada do Serpentário da Praça da Liberdade, admirando as cobras que se movimentam lá embaixo. Passatempo dos mais esquisitos, mas tudo indica que foi comum na década de 1930. Outra recordação das mais curiosas é do belíssimo prédio da estação ferroviária General Carneiro, da Central do Brasil, mais tarde demolida porque a reforma seria por demais custosa. Outros episódios, costumes, histórias e figuras recheiam as páginas do livro. Muito ricas são as recordações do autor do período em que, muito jovem, foi caixeiro da célebre Livraria Itatiaia, pertencente aos tios. Ali ele conheceu numerosas figuras do mundo literário e político, com as quais conversou e conviveu, guardando na memória as características de cada uma.

O livro de Pedro Rogério é um retrato em movimento da capital mineira, mostrando as poses que assumiu em cada época histórica e o *modus vivendi* de seus moradores. A leitura ensina muito sobre a cidade e constitui também uma lição de Brasil.

COLETÂNIA

Ariovaldo Pereira de Souza

A pandemia que assolou a humanidade nos propiciou, no isolamento, a rever nossas publicações. Recordando, devo inferir, a princípio, que a geografia é nossa vocação predileta e assim deslizei por muitas paragens e estradas para a consecução de nosso objetivo. Revisitei meu livro *Síntese Histórica do Rio Grande do Sul* e também, da mesma forma, o outro sob o título *Geografia do Rio Grande do Sul*, como o fiz igualmente com o mais recente *Geografia do Distrito Federal*, para finalmente, lembrar a publicação de *Uma Viagem pelo Folclore Brasileiro*.

Assim foi necessário deslizar por vários e muitos caminhos discorrendo sobre fatos, mapas, e fotos nos seus menores detalhes, por muitos desconhecidos. Falávamos, inicialmente, sobre a saga gaúcha em seus primórdios, na segunda metade do século XIX, quando querendo derrubar a Monarquia de D. Pedro II no tempo em que o Rio Grande do Sul foi uma breve república durante a Guerra dos Farrapos; reexaminando o *Geografia do Rio Grande do Sul*, enfatizando, com ênfase de destaque para sua introdução nominando-a como "Exercício de História e Geografia," entendendo que na literatura a geografia é tão importante quanto a história, sobretudo quando se trata do histórico período situado no extremo meridional das presumidas possessões lusas na América, o Continente de São Pedro, que por muito tempo ocupava os mapas setecentistas como uma vasta planície sem pontos de interesse quer topográfico quer populacional.

Como afirmávamos em outras publicações a geografia e a história sempre nos fascinaram, e foi assim que adentramos, também, nos

caminhos percorridos por idealistas que sonhavam ver a capital do país no coração territorial do Brasil. A saber, portanto, que o desejo do Marquês de Pombal em 1751, que se somou com o sonho de São João Bosco, vaticinando a terra fértil entre os paralelos 15° e 20°, onde nasceria uma nova civilização, culminando, portanto, com a construção de Brasília, que vive e reina entre as grandes capitais do mundo, por Juscelino Kubitschek de Oliveira. (*Geografia do Distrito Federal*).

Sem nos distanciarmos do tema e ao mesmo tempo incluindo-o em nossas revelações, sobretudo porque a geografia e a história se complementam ainda que outras ciências prevaleçam, por isso tratamos aqui do Folclore que nosso livro sintetiza na geografia de sul a norte do país. Este livro que se refere ao folclore brasileiro revela a história constituída pelos anseios, aspirações, e esperança de um povo; é a proteção às manifestações da criação popular nas várias regiões da terra em que o homem vive; é a ciência que estuda todas as manifestações espontâneas do povo, tudo que nasceu do povo e foi transmitido através das gerações. O folclore brasileiro, um dos mais ricos do mundo, formou-se ao longo dos anos, primeiramente por índios, brancos e negros. O Brasil possui um folclore riquíssimo, sendo impossível entrar em detalhes aqui. Ao se falar do folclore de cada região brasileira faz-se uma pequena introdução através de sua geografia, história e elementos sociológicos e regionais.

DESARMONIAS

Jolimar Corrêa Pinto

Fabulosas conjecturas sobre o caos:

Inconsciência dos loucos,
Senilidade dos velhos,
Ciência dos doutos,
Fantasia dos artistas,
Visões dos profetas,
Conjunções dos astrólogos,
Extravagância dos jovens,
Oração dos religiosos...

Em toda a parte, a previsão do desastre.

Vertiginosas estradas rumo ao caos:

Homens que se amontoam,
Espaços que se apertam,
Conflitos multiplicados...
E as feras das metrópoles,

Ambiciosas, inseguras, calculistas, sofisticadas

Ou instintivas, desesperadas, famintas,
violentas,

Já não temem as consequências sociais
imediatas

E buscam o confronto.

Os fortes – poucos –

E os fracos – muitos –,

Por falta de espaço,

Destruir-se-ão,

Se não forem antes dizimados pelos elementos.

O QUE IMPORTA O SILÊNCIO!

Kori Bolivia

O que importa sentir o que sinto

se ninguém pode secar meu pranto
nem recolher meu lamento.

O que importa repetir ao vento
que meu dia se fez noite

e minha boca tem hoje um sabor vácuo
como vácuo está o meu peito?

O que importa, já não estás
e o futuro está dissolvido,
e já é somente um delírio...

O QUE É BOM JÁ NASCE FEITO

sôniahelena

Sempre admirei a sabedoria popular. As tradições, estórias, costumes, credences e lendas, saberes e fazeres das gentes simples exercem sobre mim um irresistível fascínio. Saber de onde vem a Congada, como surgiu a Folia de Reis, onde nasceu o culto aos orixás, qual foi o mote para tantas cantigas de roda, cirandas e brincadeiras de crianças são indagações que tento permanentemente responder. Brincante com as palavras, os ditados populares me seduzem. Seja na sua origem mais elaborada, a expressar uma curiosidade, seja na versão popular da gente simples e pura, a traduzir sua sabedoria conquistada com a vida, eles me despertam a imaginação e a curiosidade. “Quem tem boca vai a Roma”, alteração popular de *Quem tem boca vaia Roma*, “Cor de burro quando foge”, de *Corro de burro quando foge*, “Quem não tem cão caça com gato”, de *Quem não tem cão caça como gato*, ou “Cuspido e escarrado”, de *Esculpido e encarnado*, as versões populares refletem a necessidade de expressão bem clara e simples da gente desta terra Pindorama, que não teve assento no banco das escolas, mas que aprendeu com a vida e se exprime com toda a precisão que o assunto exige.

O que é bom já nasce feito é um desses ditados expressivos, verdadeiros, adequados. Pelo menos, no caso de Helena de Macedo está perfeitamente ajustado. Portuguesa, nascida em São Tomé e Príncipe, transferiu-se para Portugal aos oito anos, mas nunca se desligou das raízes africanas. Cresceu exercendo a liberdade, fazendo descobertas, experimentando aventuras e peripécias.

Durante muitos anos dedicou-se ao turismo, trabalhando em cruzeiros marítimos que a levaram a vislumbrar novos horizontes, conhecer novas terras, vivenciar novas culturas.

Começou a escrever ainda adolescente e não parou mais. Mas só veio a publicar em 2016, aos cinquenta anos.

Cartas com amor é o seu primeiro livro, editado pela Coolbooks, da Porto Editora, em 2016. Trata do relacionamento entre duas mulheres, narrado por meio de três cartas: duas delas escritas por uma e outra das mulheres apaixonadas, e a terceira, por outra mulher, na verdade uma adolescente, muito ligada à primeira das amantes, pois cresceu com ela sempre por perto, e que encontra as cartas primeiras.

O amor entre pessoas do mesmo sexo foi e segue sendo um tema difícil e complexo, mesmo para escritores experientes. Helena de Macedo não se intimidou e deu às cartas um tratamento delicado, sutil e sereno, pois tratou do amor verdadeiro, sentimento maior a ligar as personagens. A abordagem sensível, a narrativa clara, detalhada e precisa, a manifestação dos sentimentos sem medo e sem pejo de Cecília, a primeira missivista, são seguidas pela carta de Mafalda, que se preservou durante muitos anos e, de repente, descobriu-se liberta dos preconceitos e decide assumir-se por inteira. Um pouco mais contida, a linguagem conserva a clareza e a fluidez percebidas na primeira carta, com o tom sincero de uma verdadeira revelação.

Mariana, a garota que cresceu com Cecília a seu lado, ao encontrar as duas cartas, escreve o que imagina como final da estória inconclusa nelas narrada e faz, por sua vez, uma declaração do afeto que a liga a Cecília, do bem-querer que as uniu quase como irmãs por toda a vida.

Em *Cartas com amor*, Helena de Macedo revela-se uma estreante segura, destemida, de alma e mente abertas, a perscrutar os sentimentos humanos e as tramas da vida que unem ou separam pessoas,

que fazem com que encontros, desencontros e reencontros aconteçam natural e simplesmente, como simples e naturais são as nuvens no céu e as ondas no mar.

O binóculo mágico, também editado pela Coolbooks, em 2019, narra a história de uma jovem, Sara, que trabalha em uma livraria situada em um pequeno parque urbano, parte de uma enorme propriedade, onde conhece Valentim, jovem dono do restaurante-bar do parque. O Conde, dono da propriedade, vive recluso há anos no interior da mansão ali existente, a sofrer por um amor antigo, inaceitável pela sociedade na qual vivia, o que levou a uma separação indesejada. A clausura de décadas só é rompida com a chegada de Vasco, circunstancialmente salvo por ele, que passa a administrar a propriedade e o convida a retornar à vida.

Ao ver Sara, da janela de seus aposentos, de onde observa com um binóculo o que acontece no mundo exterior, uma luz reacende o antigo amor do Conde, devolve-lhe o gosto pela vida e reconstrói uma estória que se tinha retalhado e agora volta a ganhar tessitura e densidade.

O binóculo mágico fala do amor na sua expressão mais pura, capaz de vencer o tempo, alimentar a esperança, anular distâncias, ultrapassar barreiras e reconstruir sonhos. Com a mesma clareza de linguagem de *Cartas com amor*, *O binóculo mágico* é um romance de leitura leve e fácil, parágrafos curtos, diálogos bem estruturados, trama bem urdida e personagens bem construídas.

Helena de Macedo, com esses dois livros, mostrou a que veio, e veio para ficar. Toca-nos a nós aguardar os próximos livros dessa mulher de dois continentes e sete mares.

YARA SEDUTORA (*)

Valdivia Beauchamp

Os mitos são universais, são histórias sem data de nascimento, conhecidas desde a tradição oral. Se prestarmos atenção, veremos que os mitos se moldam às nossas vidas e refletem nossos desejos, nossos medos e nos forçam a indagarmos sobre nossa existência, desta maneira gerando narrativas que nos levam a questionar a ortodoxa pergunta: “o que quer dizer sermos humanos?” Podendo se tornar mais complexa ainda quando estudamos a maneira de como nossos antepassados se preocupavam em embalar seus mortos em suas tumbas preparando-os para um plano desconhecido...

Já dizia Mircea Eliade: “a mitologia é o discurso que mais precisamos”. Em outras palavras, temos que estar preparados para deixar o mito nos transformar eternamente – inconscientemente. Baseada neste conceito, gostaria de focalizar a lenda brasileira da Yara (mãe d’água) e Jaraguari (guerreiro Guarani), que se passa nas águas da Floresta Amazônica. O nome Yara foi dado à protagonista desta lenda (que por longas datas era conhecida exclusivamente como mãe d’água, uma serpente encantada), pelo nosso

querido escritor Gonçalves Dias, que se valendo da língua Tupi Guarani, colocou Yara no universo dos mitos universais – e Yara veio a ser a sedutora mulher das águas da Floresta Amazônica no nosso folclore.

O jovem Jaraguari, seduzido por Yara, nos apresenta uma jornada pessoal de morte e renascimento. Jaraguari teve que morrer para sua vida de guerreiro e filho diligente (onde todos os dias envolvido pelo belíssimo sistema ecológico da Floresta Amazônica do Brasil, entre muitas águas de muitos rios, donde seus moradores na realidade são supridos em grande maioria pela economia pesqueira, pelas muitas plantas, extração de matéria-prima, ou mesmo plantas medicinais, látex e madeira).

Nosso guerreiro vem a ser seduzido e encantado por Yara, pela mãe das águas da Floresta Amazônica, um ser sobrenatural. Ele, neste *status quo* se calou, alvoroçando sua família com sua troca de atitude. Ele passou a ser para sua mãe uma pessoa quase irreconhecível, intocável...

Voltando à história do mito, que é universal, lembramos que quando Platão voltou a considerar o mito da reencarnação, Aristóteles se rebelou com

a ideia dizendo que alguns mitos sobre os deuses são absurdos. Porém, o mesmo chegou a afirmar que a base desta tradição, ou seja: “as primeiras substâncias são deuses”; e afirma ainda ser esta “verdadeiramente divina”.

Daí concluímos que a força da nossa Yara, da Floresta Amazônica, com seus poderes sobrenaturais, conquistando e engolfando seus admiradores, os levando às profundezas das águas ao pôr do sol – “mãe, ela é lindíssima com a pele cor de alabastro, cabelos com cores indescritíveis, e quando olha para mim – eu só quero segui-la” – nos faz pensar, como leitores, que Jaraguari pensou: “se ela pode estar comigo no meu mundo da Floresta Amazônica, eu também posso estar com ela no seu mundo encantado, suas águas”.

O encontro entre Yara e Jaraguari fez com que ele transcendesse sua própria existência (humano-divina?) nos deixando imaginar que a lenda nos mostra uma troca de vida, ou uma troca de consciência do guerreiro.

(*) Publicada na antologia *Antologia das Mulheres da Floresta*.

RELIGIOSIDADE

Luiz Serra

A viúva dona Quinô não podia sustentar o filho Cícero em Cajazeiras, e um seu padrinho, o coronel Antônio Luís Alves Pequeno, foi que amparou o moço diante daquele cenário de incertezas. Ajudou Cícero a concluir os estudos elementares na escola do Padre Rolim. No ano seguinte, Cícero Romão seguiu para o seminário da Prainha, primeira escola de nível superior do Ceará, e teve seu nome assentado no livro de matrículas da turma inaugural do educandário da capital.

Ainda vivia o padre mestre quando aquele que seria o patriarca do sertão, Padre Cícero Romão Batista, partindo do Crato, vila no sopé da Serra do Araripe, onde nascera, agora feito sacerdote no Seminário da Prainha, em Fortaleza, chegou ao povoado de Joazeiro (nominação da época), montado em um jumento; era uma tarde ressequida de abril de 1872. Como referiu um bardo do Cariri, o jovem padre era a própria representação de um nazareno sertanejo.

O simples arraial, que se abria no meio do sertão cearense, tinha algumas poucas casas de tijolos e uma modesta capelinha. Em pouco tempo, o povoado tornou-se um símbolo de caridade e beneficência; na vila à qual muitos acorriam como proteção e refúgio, o padre foi o acolhedor de toda a gente. Até que um prodígio veio à tona: o inopinado acontecimento com o advento do milagre da hóstia, quando a beata Maria d'Araújo a recebia e verteu sangue da sua boca. O bispado do Crato ficou reticente, enquanto o episódio sagrado se repetia mesmo diante dos olhos dos incrédulos religiosos. Seguiu-se uma querela entre a Igreja e o patriarca, enquanto uma população de romeiros acorria ao município do padre. Com base na regra da fé, a interdição de Padre Cícero iria se estender por décadas, embora sua veneração pelos fiéis permanecesse inabalável. O padre mantinha as pregações, usando a batina que envergou até a morte. Reiterava o lema “fé e trabalho”.

O povoado (Juazeiro) passou a acolher o efervescente e progressista município cearense (Crato). À história de Padre Cícero inscreve-se uma constatação abalável, que concorreu para exacerbar a repulsão de Juazeiro à Igreja do Crato, prenunciando até uma rebelião camponesa no Vale do Cariri:

Padre Cícero sofre tentativa de assassinato, deste modo no relato de Della Cava:

Numa noite de novembro, enquanto o Padre Cícero pregava sua ilícita, embora costumeira, homilia, para uma multidão que se achava postada defronte de sua casa, cinco homens não identificados procuraram aproximar-se do sacerdote. De repente, sacaram de suas facas. A multidão os empurrou, imediatamente, impedindo que avançassem; quatro fugiram e o quinto foi preso. Padre Cícero escapou, por pouco, de morrer.

“Milagre em Joazeiro”, pág. 111

Desse episódio, iniciou-se um movimento de prevenção, em que a cidade “inimiga”, sede do bispado, o Crato, viveria sob o temor de uma iminente invasão de suas terras e propriedades por parte de miríades de capangas de Juazeiro. Coincidentemente, a acusação contra Juazeiro surgiu em meio a uma histeria nacional, em 1896, quando, em novembro, no interior remoto do estado da Bahia, um destacamento do Exército foi desbaratado por um bando desordenado de camponeses. O êxito dos locais propiciou que a atenção geral se dirigisse ao chefe espiritual do bando de jagunços, o peripatético e místico Antônio Conselheiro.

Entretanto, a construção de legenda messiânica e popular espero concluir em outra análise, e possível publicação, na qual também me debruço há cerca de uma esfalfada década.

Tempos de quízílias. O coronel Floro Bartolomeu era a referência de mando e defesa no território do Padre Cícero, com ampliados poderes concedidos pelo prefeito e patriarca dos romeiros, e este, nos anos 1925 e 1926, já passava dos 80 anos. O poder envelhecido sempre suscita alguma reação com propósitos difusos; no mínimo, latentes e surdas intrigas. Afinal, Lampião entrou em Juazeiro com a cabroagem fortemente armada, confiante, mas teria arriscado a pele e a dos seus rapazes. Mais reflexões serão objetos de considerações no desenvolvimento do tema.

Intrigante a deferência demonstrada por Padre Cícero a Lampião, ao acolher a família Ferreira, em 1923, no tempo do conflito que se alastrava a partir de Nazaré dos Picos e Água Branca. Mais ainda, ocorreu a recepção entusiástica de todo o bando em

1926, em pleno Juazeiro, a cidadela do patriarca do sertão.

O sertão cearense e paraibano estava em desassossego diante do anúncio da aproximação da temida Coluna Prestes.

Lampião, com seu exército de cabras armados, foi conduzido a um sítio nos arredores da cidade. O coronel Floro Bartolomeu já seguira em viagem para o Rio de Janeiro, de navio, para urgência médica. Padre Cícero foi até lá em ao menos duas oportunidades. O diálogo foi de encorajamento à deserção do banditismo e à nova feição para o cangaceiro: lembrou-lhes que precisavam constituir família, como todo mundo. Alertou-os do fim inevitável.

Do interesse do governo federal, a organização dos ditos batalhões patrióticos, das fardas azuis, foi tarefa dos chefes políticos locais, e para esse desforço regional foi posta à disposição das tropas enorme quantidade de recém-adquiridos fuzis militares Mauser e mosquetões, em maioria da forja de 1908.

O presidente Artur Bernardes, sempre no campo oposto ao dos tenentes, para combater a Coluna Prestes/Miguel Costa providenciou encomenda de equipagens militares e armamentos, na ordem de quatrocentos mil fuzis Mauser, já com cartuchos de ponteira ogival de longo alcance. Seriam os fuzis novos que cairiam nas mãos do bando de Lampião, doravante fortalecendo o poder de fogo dos cangaceiros.

Refazendo os acontecimentos em Juazeiro, o coronel Floro e aliados de Padre Cícero instituíram o Batalhão Patriótico, em meio à inquietação diante do iminente confronto com a coluna sediciosa. Do estado-maior de Floro teria saído a ideia de convocar Lampião para o esforço de defesa de Juazeiro e, assim, as mensagens enviadas fizeram estimular o cangaceiro a deslocar o bando para Juazeiro. Sem dúvida, algumas evidências teriam convencido Lampião, ao receber os emissários de Juazeiro, factivamente, com a citação dos nomes de Floro e do Padre Cícero. Ainda mais, vivia-se uma expectativa de refrega, e Lampião e os irmãos procuraram certificar-se da integridade da família Ferreira, residente naquele município.

*Capítulo do livro *O sertão anárquico de Lampião*, Outubro edições, 2016.

AFONSO ARINOS E O FANTASMA DE GETÚLIO

Edmílson Caminha

Entre os grandes escritores que, ao longo da história (e até recentemente), dignificaram a política brasileira, mencionem-se quatro, pela inteligência e pelo saber que lhes eram comuns: José de Alencar, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e Afonso Arinos de Melo Franco, o mineiro ilustre que me concedeu, em 1986, substanciosa entrevista para o “Diário do Nordeste”, de Fortaleza.

Diretor do Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, recebeu-me em seu escritório para a conversa em que falou de literatura mas, principalmente, dos trabalhos da Comissão de Estudos Constitucionais que presidia, encarregada de estabelecer os parâmetros da Constituição Federal que viria a ser promulgada em 1988.

Deu-me respostas comedidas, ponderadas, em que, diferentemente de tantos fanfarrões, não buscou reescrever o passado, para atribuir-se importância maior do que verdadeiramente tivera. Perguntei-lhe: “O ministro Hermes Lima, seu companheiro de Itamarati, costumava dizer que política é uma atividade para pecadores. Como o senhor fez para conciliar a honradez e a dignidade com os conchavos próprios de um mandato parlamentar? As transigências da função política não o incomodavam?” Com franqueza e elegância, respondeu:

– Não, porque nunca tive prestígio político, propriamente. Eu era o homem

que falava, me mandavam para a tribuna. Dos acordos partidários, lutas, paixões, ambições, não participava muito. O que eu fazia era falar, dizem que melhor do que os outros. Então era o homem que ia para a tribuna: eles resolviam e eu expunha, às vezes com excessiva veemência, reconheço. Nunca pretendi influir decisivamente no meu partido: resistia a certas tendências que me pareciam incorretas e eles respeitavam minha posição. Isso sempre aconteceu. De vez em quando não aceitava a decisão já tomada, e o fato de eu não aceitar era suficiente para que revissem o assunto. Mas, em geral, nunca exerci liderança política; quando muito tive liderança oratória, era o porta-voz da UDN, um partido importante. Mas sempre defendi um princípio que observo até hoje, aos 80 anos de vida: sou muito capaz de fazer coisas de que me arrependa, mas nunca de que me envergonhe. Essa é a diferença, e muito clara.

Tempos depois, visito-o no gabinete de Senador da República, em Brasília, e lembro-lhe o discurso que proferira na Câmara, como líder da oposição a Getúlio, em 13 de agosto de 1954; no dia 24, o presidente se matava com um tiro no peito, tragédia para a qual contribuíra, acusavam alguns, a violenta manifestação do deputado Afonso Arinos. E ele, em surpreendente confissão: “Pois é, sempre me angustiou a ideia de que eu possa ter concorrido, embora involuntariamente, para a morte de Vargas. Hoje, não

faria aquele discurso, em que talvez tenha pecado por excesso, diante da turbulência política que então nos assustava. Acontece que só o distanciamento histórico permite essa avaliação; no calor da hora, fazemos o que nos obrigam as circunstâncias, e eu era o líder da minoria, a quem coube falar em nome dos colegas, não só em 13 de agosto, mas também onze dias depois, quando voltei à tribuna agora para lamentar, respeitosamente, o suicídio que traumatizara o Brasil. Pudessem voltar no tempo, preferiria não pronunciar aquele primeiro discurso, mas assim não haveria a história como testemunho do que, bem ou mal, ocorreu no passado, pois seria continuamente reformada, refeita pelos personagens que sobreviveram ao tempo, e assim não apenas envelheceram, se tornaram mais sábios, mais experientes, mais precavidos, mas também mais inseguros, mais hesitantes, mais medrosos...”

Esse o pensador, o jurista, o escritor, o político sobre quem Luiz Viana Filho afirmou, no encerramento do seminário com que a Universidade de Brasília homenageou o colega, em 1981: “É muito difícil que outra personalidade do Brasil tenha, com a mesma grandeza, com a mesma luminosidade, com a mesma intensidade, essa multiplicidade de facetas. Ele não é o historiador, não é o orador, não é o poeta. Ele é tudo!”

MÚMIA

Raquel Naveira

É assim que me sinto: como uma múmia. Retiraram com garras afiadas o meu coração, fígado, rins, vísceras e colocaram num cofre de madeira dourada. O cérebro foi derretido pelo ácido. Meu corpo mergulhado em água e sal, peixe desidratado. Preencheram a cavidade com serragem, ervas aromáticas e folhas dos meus livros de poemas. Enfaixaram-me com ataduras de linho branco e cola dura. Colocaram-me num sarcófago, um relicário, o rosto coberto por uma máscara. Dentro da pirâmide úmida cercaram-me de joias, es-

caravelhos, amuletos e carros de guerra. O tempo perdeu seu sentido, quando vislumbrei os milhões e milhões de anos da eternidade.

Quiseram me tornar mais um cadáver do vale, onde o sol se põe. Faltou-me oxigênio. Soprou sobre mim o vento seco de todas as fúrias. Foi aí que gritei: “– Laços de morte me cingiram, torrentes de impiedade me arrastaram, mas, na angústia, invoco socorro e justiça.” Ele então ouviu a minha voz, do seu nariz saiu fumaça, da sua boca o fogo que consumiu aqueles que me perseguiram.

Saí correndo pelo mundo, soltando com as mãos os laços que me envolveram, os nós com que me apertaram: armadilhas de engano, notícias de peste, imagens chocantes, cartões de crédito, propagandas luminosas. Toda sorte de ansiedade e desespero. Quiseram, a qualquer custo, desviar-me da verdade, minar meus sonhos e pensamentos, arrastar-me ao túmulo do chacal.

Que força tremenda é libertar-se das amarras. Atravessar em carne viva um novo portal.

AINDA SARAMAGO E O NOBEL

M. Paulo Nunes

Confessa que muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre seus avós, teve consciência de que estava a converter as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literários e que era essa provavelmente a maneira de não os esquecer.

Vieram depois, continua, os homens e mulheres do Alentejo, aquela mesma irmandade de condenados da terra a que pertenceram o seu avô Jerônimo e a sua avó Josefa, rudes camponeses obrigados à dura luta de alugar a força de seus braços em troca de um salário miserável e de condições de trabalho que mereceriam sem nenhum favor o nome de infames, cobrando por menos que nada a vida que os seres cultos e civilizados que nos prezamos de ser, apreciamos chamar, segundo a ocasião, preciosa, sagrada ou sublime. Constitui essa gente três gerações de uma família de camponeses, os Mau-Tempo, que cumpre o seu destino desde o começo do século, até a revolução de abril de 1974, que derrotou a ditadura salazarista, e pano de fundo de um dos seus primeiros romances a que se deu o título de *Levantado do chão*.

Assim vai o romancista consagrado, um dos maiores de nosso tempo e da língua portuguesa, narrando o processo de construção de seus romances, como a sua obra-prima, que vem em seguida, *Memorial do Convento*, contando as peripécias para a edificação do convento de Mafra, pelo rei D. João V, como resultado do cumprimento de promessa para a fecundação da rainha estéril, D. Maria Ana Josefa, sua mulher, “*que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda não emprenhou*”. Nele aparecem como personagens principais, Baltazar Mateus, que tem a alcuinha de Sete-Sóis e Blimunda, conhecida como Sete Luas, tipos populares que dão mais força àquela narrativa.

E assim descreve o romancista a laboriosa construção dos demais romances que se lhes seguem, como a do *Ano da morte de Ricardo Reis*, revivendo um dos heterônimos de Fernando Pessoa, um ano após a morte do poeta, *A Jangada de Pedra*, com a metáfora do deslocamento físico da Península Ibérica, *Cerco de Lisboa*, com *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, belíssima parábola da vida de Jesus vista por um descrente, bem como os seus últimos livros *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*. Para dizer ao final:

“*Termino. A voz que leu estas páginas quis ser o eco das vozes conjuntas das minhas personagens. Não tenho, a bem dizer, mais voz que a voz que elas tiverem. Perdoai-me se vos pareceu pouco isto que para mim é tudo*”.

DOIS POEMAS

Ivan Junqueira

DE ONDE ME VEM, AMOR...

De onde me vem, amor, ardendo em fogo brando,
este querer-te mais do que me é dado em vida
e que mais queima, aberto em lúbrica ferida,
sempre que vais, os pés em fuga, te afastando?
De onde é que aflora, tão fugaz e impressentida,
essa lembrança que de ti vou avivando
e que, sem que o descubra nem por que nem quando,
sabe-me ao texto de uma página já lida?
Como é que sei ir de nascente à úmida foz
desse teu corpo onde sem bússola navego,
se a tibia luz que o prefigura me faz cego
e as mãos só o toquem sob a névoa dos lençóis?
E como, amor, hei de esquivar-me à tua chama,
se é nela que me aqueço e faço a própria cama?



VAI TUDO EM MIM

Vai tudo em mim, enfim, se despedindo
neste pomar sem ramos ou maçãs,
sem sol, sem hera ou relva, sem manhãs
que me recordem o que foi e é findo.
Tudo se faz sombrio, e as sombras vão
do que eu não fui agora vão cobrindo
os ermos epitáfios, indo e vindo
entre as hermas e as lápides mais chãs.
Tudo se esvai num remoinho infindo
de atávicas moléculas malsãs:
essas do avô, do pai e das irmãs
que o sangue foi à alma transmitindo.
Tudo o que eu fui em mim de mim fugindo
em meu encaço vem me perseguindo.

HAICAIS

Terezy Godoi

Em meio à folhagem
um solene louva-a-deus
ensina a rezar

Mistérios de luz,
de flores, de sons e cores.
É o sopro da vida.

BANDEIRA (cronista) DO BRASIL

Fabio de Sousa Coutinho

“O poeta quando tem alguma coisa a dizer
escreve prosa;
o prosador quando nada tem a dizer escreve
poesia.”
Paulo Mendes Campos

Neste abril de 2021, caso ainda estivesse fisicamente entre nós (bom demais para ser real!), Manuel Bandeira completaria 135 anos, um século e sete lustros de vida. Nascido no Recife, na Rua da Ventura, hoje Joaquim Nabuco, o grande bardo está de há muito consagrado como um de nossos três maiores poetas do século XX, ao lado de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

Na comemoração a que me propus, contudo, Manuel Bandeira será celebrado em outro gênero literário, no qual sua pena se manifestou, por igual, de modo tão rico e vigoroso. Refiro-me ao Bandeira cronista, ao autor das insuperáveis *Crônicas da Província do Brasil*, publicadas, de início, nos jornais *A Província*, do Recife, *Diário Nacional*, de São Paulo, e *O Jornal*, do Rio de Janeiro, e reunidas em livro, pela primeira vez, em 1936, numa bela edição da Civilização Brasileira, como parte dos festejos pelo cinquentenário de Manuel Bandeira. Ele escreveu, ainda, entre 1961 e 1963, crônicas semanais para o programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação, algumas publicadas depois no volume do mesmo nome, com o selo da Editora do Autor. Mas foi nas *Crônicas da Província do Brasil* que Bandeira produziu algumas das páginas que o tornaram, sem sombra de dúvida, um dos principais cronistas brasileiros de todos os tempos, titular absoluto da seleção capitaneada por Rubem Braga e integrada pelos supercraques Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino, Antônio Maria, Sérgio Porto e Otto Lara Resende, para ficar apenas nos que já nos deixaram.

Na crônica intitulada "Bahia", Manuel Bandeira revela, em termos irretocáveis, incontida admiração por Salvador: "Nunca vi cidade tão caracteristicamente brasileira como a 'boa terra'. Boa terra! É isso mesmo. A gente mal pisou na Cidade Baixa e já se sente tão em casa como se ali fosse a grande sala de jantar do Brasil, recesso de intimidade familiar de solar antigo com jacarandás pesados e nobres. Ali a gente se sente mais brasileiro. (...)". Em outra crônica preciosa, sob o título de "Um grande artista pernambucano", Bandeira louva sua cidade natal, como de resto já o fizera nos versos inesquecíveis de "Evocação do Recife" (poema do livro *Libertinagem*):

“O encanto do Recife não aparece à primeira vista. O Recife não é uma cidade oferecida e só se entrega depois de longa intimidade. Se

não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Porque, não repararam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadonas? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e o Recife são magras. (...)”

Os exemplos são extensos, mas curto o espaço. Não dá, porém, para deixar de fora, nesta seleta de júbilo e alumbramento, "Os que marcam rendez-vous com a morte." Nessa crônica, Bandeira fala da "indesejada das gentes", recordando marcante passagem de sua infância recifense:

“(...) Quando eu era menino, conheci de vista uma moça cuja beleza a fazia muito falada. Nem era propriamente beleza o que cativava nela, mas uma seiva de mocidade, de bom sangue, de alegria de cores saudáveis. Tenho esquecido muito nome na vida, mas o 'dela' não esqueci nunca: Alice Monteiro. (...) Alice Monteiro morreu no mesmo ano em que a conheci. Foi a primeira vez que a morte me perturbou profundamente. Antes disso ela andava em meu espírito associada sempre à ideia de decadência física. Eu não podia conceber que uma moça bonita e cheia de vida pudesse morrer assim tão depressa! (...)”

Passados quase cinquenta e três anos de sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro, em 13 de outubro de 1968, aos 82 anos de idade, parece que Manuel Bandeira também nos deixou “assim tão depressa”, mas sempre consolados pela leitura e releitura de uma obra encantadora de formidável poeta e estupendo cronista brasileiro.

CANGAÇO Napoleão Valadares

A José Peixoto Júnior

Olê, mulher rendeira – grita
o cangaceiro na caatinga.
Acorda, Maria Bonita,
olê, mulher rendeira – grita.
É lamp... é Lampião (catita
toada). Eu não me entrego não – xinga.
Olê, mulher rendeira – grita
o cangaceiro na caatinga.

ALMA DA RUA Newton Rossi

Alma da rua,
vives sozinha
olhando a lua
triste a vagar.

A noite é tua,
alma da rua,
vives com ela
sempre a brincar...

Se a noite é tua,
pra que prazeres,
pra que mulheres,
pra que chorar?

Ah! eu já sei,
tens que vigiar,
a noite tua
podem roubar...

Longe do mundo,
sono profundo
dormem as feras
da humanidade...

Pisa de leve,
que a noite é breve,
dona maldade
pode acordar...

Pisa de leve,
alma da rua,
a noite tua
podem roubar!

E vindo o dia,
a luz do sol
vai despertar
quem já dormiu.

Só resta, então,
alma da rua,
dormir também,
depois, sonhar.

NAVEGADOR Nilto Maciel

Meus olhos cegos, que não veem navas,
navegam pelos mares das tormentas
– perdidos barcos, rotos, sem timão.
Meus olhos mudos só vislumbram vagas,
doida babel de tempestades feita,
monstros marinhos, oceano largo.

Meus olhos surdos só conseguem ver
cantos de dor, de morte e solidão,
a minha própria imensidão de ser.

O BANQUETE DE VANESSA

Pedro Rogério Moreira

A mais bela festa que a cidade do Rio de Janeiro jamais viu no século XX foi a oferecida pelo amado de Vanessa na ocasião de um aniversário dela. Aconteceu em 1976, pois é desse ano o aparecimento de *Chão de ferro*, livro de Pedro Nava, avistado por mim na manhã em que fui alugar um summer na tradicional Casa Rolla, no bairro da Glória, para me apresentar bem grã-fino no banquete de Vanessa.

O escritor se deixava fotografar no canteiro central bem arborizado da avenida diante do prédio em que residia. No outro dia, saiu no *Jornal do Brasil* a louvação à nova obra do memorialista. Ninguém ia imaginar que na década seguinte Pedro Nava se abraçaria a uma daquelas árvores para se matar com um tiro na cabeça.

Escrevi que o Rio jamais viu aquela festa, pois dela não houve publicidade e a apenas quarenta e oito convidados foi concedido o privilégio da visão mirífica, além de alguns músicos e da bateria de maîtres, garçons e açaftas trajados com uma elegância de maravilhar Balzac. O cenário: a portentosa Gare Barão de Mauá da antiga Estrada de Ferro Leopoldina, uma das mais bonitas, senão a mais elegante, construção comercial da cidade.

Já estava a estação, situada diante do Canal do Mangue, praticamente desativada. O marido de dona Vanessa a alugou. Pela manhã e à tarde ocorreram os preparativos estafantes de uma pequena multidão de serviçais desse métier, e à noite deu-se o banquete cuja descrição merecia a pena de ganso de Honoré de Balzac.

Os pouquíssimos trens que dali partiam e chegariam foram cancelados ou desviados para a Gare de Dom Pedro II. A festa custou ao meu patrão uma fortuna, e prestígio empenhado às autoridades ferroviárias. A justificativa foi a de aluguel para o set de um longa-metragem do produtor carioca Herbert Richers, da Atlântida Cinematográfica. Boa mentira, em nome do Amor e realizada com a delicadeza de espírito de Francisco José.

O comendador, pai de Francisco, era amigo do português Chianca de Garcia, afamado no Brasil e em Portugal pelas suas encenações de luz, cor, som e sombras. Era um gênio dessa forma de arte, exibida ao público carioca em espetáculos aplaudidos no Cassino da Urca e depois na TV Tupi. A ele coube

a mise-en-scène na plataforma da estação. Foi seu par no trabalho de magia um cenógrafo do Teatro Municipal. A Barão de Mauá, de estilo edwardiano, fruto da prancheta do arquiteto escocês Robert Prentice, foi transformada naquela noite numa Gare du Nord – desculpem a licença poética, cometida para acomodar aqui o meu Balzac e sua amada Paris.

O imenso chão da plataforma, que recebera os sapatos chiques de outrora e naquele tempo os calçados da plebe dos subúrbios, foi lavado e enxaguado das impurezas humanas que o pisoteavam diuturnamente. Parecia um imenso roseiral. Não! Mais que isso: um jardim francês, já que Francisco José, o exagerado de amor, adquirira toda a produção do Mercado das Flores da rua do Rosário. O perfume edênico inebriava as almas que adentravam aquele paraíso cenográfico criado por delicadas mãos de artista.

Nos trilhos, Chianca de Garcia foi buscar no museu da Central do Brasil uma composição ferroviária formada de uma famosa locomotiva a vapor dos velhos tempos e cinco vagões de passageiros da mesma idade, pintados para a ocasião e deslumbrantemente iluminados por dentro, com luzes dançantes, e por fora recebiam o luzeiro esplendoroso de enormes holofotes cinematográficos. Compunha a encenação uma orquestra de piano, violinos e poucos metais, a fim de que a música atingisse a perfeição da delicadeza sonora que encanta os ouvidos sentimentais.

Os convidados? Exclusivamente as famílias do casal, dois ou três embaixadores europeus que ainda não se haviam mudado para Brasília e o mesmo número de financistas europeus que mantinham negócios com a holding de dona Vanessa, e duas amigas de infância da aniversariante. Ah, um industrialista abrilhantou o banquete da Gare Barão de Mauá: Baby Pignatari, um autêntico Mauá do século XX pelo seu empreendedorismo. Na época, ele negociava a venda de sua mina de cobre na Bahia para a holding da família de dona Vanessa, negócio que não foi à frente. Infelizmente, o notável ítalo-brasileiro, falecido uns três anos após o banquete na mocidade de seus sessenta anos, entraria para a história pelo seu lado de playboy romântico – diziam até que teve um namoro com dona Vanessa, o que não creio

por motivo que não vem ao caso, seria um novo obituário.

Na plataforma da estação só faltou Balzac para aplaudir. Mas eu me sentava lá, pimpão no summer da Casa Rolla, com o tio-padre, de clergyman (primeira e única vez que o vestiu, pois só usava batina), um diante do outro, tendo na cabeceira o seu amigo comendador. Ao tio-padre, na condição de celebrante do casório de Vanessa, foi concedida a distinção de usar da palavra no momento do brinde, único orador, tendo ele riscado com palavras de ouro, entre-meadas do surdo resfolegar da locomotiva, uma curta, erudita e profunda homilia.

Lá muito distante, na outra extremidade da comprida mesa do banquete, iluminada a candelabros de prata e finissimamente ataviada, reinava a bela dona Vanessa, uma Sissi, ao lado de um radiante Francisco José. Não demorou mais de um ano e já estavam separados, como numa novela de Balzac.

No dia seguinte, quando fui devolver o summer, o balconista da Casa Rolla notou na manga uma mácula de fuligem da portentosa locomotiva Zezé Leone, a que enobreceu o banquete de Vanessa.

* Capítulo II de *O livro de Carlinhos Balzac*, 2021.

NOVO CAMINHO

Váldima Fogaça

Ainda que o sol e a lua desapareçam;
ainda que todos os mares se sequem,
a tua mão se estenderá para mim;
ela me levantará deste chão fúnebre;
ela me acolherá.

Eu sei que as trevas duram poucos dias;
eu sei que outro caminho será
projetado para mim.
Eu sonho com isso!
Eu vejo um novo
caminho sendo construído para mim.

A ESCOLA DE PINÓQUIO

Vera Lúcia de Oliveira

Numa reflexão sobre a educação, a primeira pergunta que nos ocorre é: o que é ensinar? Podemos perguntar também: a quem ensinar? E depois a pergunta se complica: quem ensina a quem ensina?

Para responder às nossas perguntas, começemos pelo verbo “ensinar”, que significa transmitir conhecimento sobre alguma coisa a alguém. E para que isso ocorra, precisa-se de alguém que ensine, o professor, presença fundamental no processo educativo, que faz a intervenção entre o conhecimento e o aluno, aquele que quer aprender, e ainda o conteúdo a ser transmitido (na língua de ambos). Assim se forma a cadeia da aprendizagem.

A arte de ensinar é complexa porque vai desde a simples transmissão do conhecimento até a doutrinação ideológica. Podemos formar bons trabalhadores, bons profissionais, até mesmo cidadãos da pior espécie. Portanto, quanto ao seu papel na sociedade, o educador deve cuidar muito para que o seu trabalho contribua antes de tudo para a reflexão crítica e humanização do aluno, observando a qualidade do seu trabalho e o seu bom exemplo como profissional e ser humano. Assim, quem ensina, ensina não apenas conteúdo, mas também o modo de agir em sociedade. Quando se ensina, busca-se o porquê das coisas. E o bom mestre descobre esse porquê com os alunos. O bom mestre muda a pergunta do aluno: “Por que preciso saber isso?” para a constatação: “Eu preciso saber isso!” Na arte de ensinar quem aprende mais é o professor.

Desde Platão, a educação é um longo processo de formação que vai do preparatório, desenvolvendo espírito e corpo de forma harmoniosa, já que o homem é corpo e alma, passando pela preocupação do Estado com a formação de bons cidadãos, igualitária na infância para homens e mulheres, com duração por quase uma vida inteira, sempre obedecendo a critérios de seleção. À parte essa educação para formar líderes e governantes na Grécia Antiga, o que podemos observar no sistema educativo de Platão é que sua filosofia se baseia na procura da Verdade. Sim, todo o conhecimento, todo o saber deve caminhar a serviço da verdade, do humanismo e da paz.

Na modernidade, entendemos que ensinar é ainda um exercício de imortalidade, pois o mestre continua a viver naqueles cujos olhos brilharam um dia ao ver o mundo pela magia das palavras, como disse o mestre e grande educador Rubem Alves. Assim, o professor não morre jamais. Permanece naquele que transformou. Para esse educador-filósofo, o mestre ensina tudo o que sabe e ainda o desconhecido, pois chega um momento em que o aluno deverá construir o próprio saber, seguir apenas os seus sonhos, diferentes daqueles do mestre, que ficaram para trás. O mestre passa a tocha do conhecimento, que será também

passada a outro e a outro, sucessivamente, na cadeia infinita do saber... O mestre ensina e aprende; ensina a ensinar; e fica na memória dos que muito aprenderam.

Em ensaio primoroso sobre a educação, “Como Pinóquio aprendeu a ler”, Alberto Manguel, em seu mais recente livro, *Notas para uma definição do leitor ideal* (Edições Sesc São Paulo, 2020), revela seu deslumbramento com *As aventuras de Pinóquio*:

Naquele tempo eu não sabia disso, mas acho que amei *As aventuras de Pinóquio* por serem aventuras de aprendizagem. A saga do boneco é a da educação de um cidadão, o velho paradoxo da pessoa que quer ser aceita na sociedade normal enquanto, ao mesmo tempo, tenta descobrir quem ela é na verdade, não como parece aos olhos dos outros, mas aos seus próprios olhos. Pinóquio quer ser “um menino de verdade”, mas não um menino qualquer, não uma versão obediente e em miniatura do cidadão ideal. Pinóquio quer ser o que ele é por baixo da madeira pintada. (Pág. 58)

O rebelde Pinóquio encanta o autor argentino, mestre em leitura, leitores, bibliotecas e afins. Nesse texto primoroso, insistimos, Manguel analisa o papel da escola que, para Carlo Collodi, o criador do boneco de madeira, é “o lugar onde a pessoa começa a provar que é responsável.” E Gepetto, pobre, faz todo tipo de sacrifício para mandar o boneco para a escola. Educação exige sacrifício. Mas Pinóquio não se torna um leitor de verdade. Os obstáculos foram muitos, a fome, por exemplo. Foi abandonado às próprias aflições e angústias: “Ninguém o ensina a refletir sobre sua própria condição, ninguém o anima a investigar”; assim, ele fica na experiência superficial da leitura.

Manguel reflete sobre a escola contemporânea que, assim como a de Pinóquio que só o preparou para ler propaganda, vem eximindo-se do seu verdadeiro papel de formar leitores. Diz ele:

Os governos sempre demonstraram uma opinião não muito entusiástica da atividade da leitura. Não por acaso, nos séculos XVIII e XIX, foram baixadas leis proibindo o ensino da leitura aos escravos, mesmo que fosse da Bíblia, já que (como se argumentava com razão) a pessoa que pudesse ler a Bíblia poderia também ler um panfleto abolicionista. Os esforços e os estratégias que os escravos desenvolveram para aprender a ler são prova suficiente da relação entre a liberdade civil e o poder do leitor, bem como do temor que essa liberdade e esse poder infundem em todo tipo de governantes. (Pág. 60).

Sim, pois ler não é apenas decodificar registro escrito, mas penetrar nesse código e decifrar o mundo. Numa sociedade democrática a educação deve ser obrigatória, como é obrigatório o pagamento de impostos. Não há civilização sem educação. A ideia republicana deve passar primeiro

pela escola, pela igualdade da formação de cidadãos e cidadãs. A escola republicana deve ensinar o aluno a ter ideias próprias, a não se ocultar sob o pensamento alheio. É, pois, com preocupação que vemos hoje a militarização das escolas em nosso país; preocupação com a direção que o pensamento crítico e livre está tomando. Escola deve ser lugar culturalmente transgressor, de livre circulação de ideias, de debate. Sem discussão, a escola ficará como a de Pinóquio, em que ele “não aprendeu a ler em profundidade, a mergulhar num livro e explorá-lo até seus limites às vezes inalcançáveis”, como diz Manguel. Queremos cidadãos que dizem somente “SIM, senhor!”? Que agem sempre em conformidade com o rebanho? Ou queremos cidadãos que pensam diferente? Assim como Pinóquio, a escola da obediência estrita só faz repetir a cartilha feito papagaio. “Sê obediente e ajuizado e serás feliz”, diz a Fada do Cabelo a Pinóquio. Mas não basta ser obediente para enfrentar a vida, é preciso mais que a repetição de discursos e modelos, é preciso imaginação, criatividade, que só a arte, a literatura, a filosofia podem dar. Esse é o desafio da escola republicana.

Mas não poderíamos encerrar sem trazer o pensamento de Nietzsche sobre a educação, em *Schopenhauer como educador* (SP: Martins Fontes, 2020):

Ninguém pode construir para ti a ponte, sobre a qual precisamente tu deves caminhar acima do rio da vida, ninguém mais além de ti (...) Há no mundo um único caminho, pelo qual ninguém além de ti pode seguir. Para onde ele conduz? Não pergunte, trilhe-o. Quem foi que pronunciou a sentença: “nunca um homem se eleva mais alto de que quando ele não sabe onde seu caminho pode conduzi-lo?” (Págs. 6 e 7).

Teus educadores nada mais podem ser que teus libertadores. Esse é o segredo de toda formação (*Bildung*); ela não fornece membros artificiais, narizes de cera, olhos com lentes – ao contrário, somente a má-educação é que pode conceder esses dons. Mas ela é libertação, retirada de toda erva daninha, acúmulos, parasitas, que querem tocar o núcleo delicado da planta; irradiação de luz e calor, murmurar afetuoso da chuva noturna, ela é imitação e adoração da natureza, onde é refletida de modo maternal e compadecido; ela é perfeição da natureza, quando previne seus acessos cruéis e inclementes e volta-os para o bem, quando ela cobre com um véu as manifestações de suas atitudes de madrasta e de sua triste insensatez. (Pág. 8).

Assim, a escola de Pinóquio fracassou porque não se voltou para a educação transformadora, libertadora; não lhe permitiu seguir o próprio caminho, explorando-o em todos os seus limites. Pinóquio nadou em águas rasas: aprendeu a ler, mas não se tornou um leitor.

CANTARES DO SEM NOME E DE PARTIDAS

Hilda Hilst

I

Que este amor não me cegue nem me siga.
E de mim mesma nunca se aperceba.
Que me exclua do estar sendo perseguida
E do tormento
De só por ele me saber estar sendo.
Que o olhar não se perca nas tulipas
Pois formas tão perfeitas de beleza
Vêm do fulgor das trevas.
E o meu Senhor habita o rutilante escuro
De um suposto de heras em alto muro.

Que este amor só me faça descontente
E farta de fadigas. E de fragilidades tantas
Eu me faça pequena. E diminuta e tenra
Como só soem ser aranhas e formigas.

Que este amor só me veja de partida.

TEMPO!

Anderson Braga Horta

Uma aflição me embrulha de pensar
que um dia (já vem perto) estarei morto.
Minha mulher, meus filhos,
meus parentes e amigos,
tudo ficar no Aquém tornado em limbo,
sótão, memória, nada?
Que coisa serei eu nesse Além que me embota
a mente de o pensar? E serei eu? Serei?
Inteligência fria a se lembrar do mundo?
Talvez revendo eternamente o filme
deste vale de angústia, ilusão, desencanto,
de férreas lutas, acres
vitórias e, no entanto,
êxtases que remetem a fugidios céus.
Ou quem sabe serei paixão a arder sem corpo,
relâmpago paralisado, sol sem hálito
implorando uma nesga de chão onde rolar.
Se além é o prometido azul, irão comigo,
lastro de escuridão, os meus torvos pecados?
É aqui ou é lá o horrendo purgatório?

Ó fúnebre Portal, detém-te nos teus haustos.
Ó Vida, ó Vida, ó Vida, um tempo ainda
para entender teu formidável holocausto!

POEMAS DE FRANCISCO ALVIM

PAISAGEM

O telefone arqueja sobre a mesa
giram os cataventos na colina
surgem nucas do fundo de gavetas
recobrem-se de relva as piscinas
Minha gravata pelo céu adeja
ao embalo desta brisa vespertina
Diluiu-se no ar a única defesa
interposta entre o canteiro e a usina
Ainda está gravado no lajedo
(rastro de serpente) a queda do irmão
ou um outro gasto travesti do medo
E sobre o casario um astro míope
parece contemplar a sucessão
infinita de enganos que amor move



AMADA

Recuo de meu dia para ver-te
e a toda claridade que me trazes

Não te busco
Não saberia encontrar-te
Estás onde o acaso te situa
e és a mesma embora outra me apareças
sempre a resgatar-me
com a vida que me vem de tua face

MANHÃ

Glauber Vieira Ferreira

Acorda
Estique braços e pernas
Boceje.

Agora me abraça:
meu coração também precisa espreguiçar.